CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRUNO RENAN DE ARAÚJO ALMEIDA

ADOLESCÊNCIA E DROGADIÇÃO: A PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES USUÁRIOS DO CRAS SOBRE O USO E ABUSO DE SUBSTÂNCIA LÍCITAS E ILÍCITAS

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2018

BRUNO RENAN DE ARAÚJO ALMEIDA

ADOLESCÊNCIA E DROGADIÇÃO: A PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES USUÁRIOS DO CRAS SOBRE O USO E ABUSO DE SUBSTÂNCIA LÍCITAS E ILÍCITAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito total para à obtenção do título de graduada no curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

Orientador: Joel Lima Junior

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

ADOLESCÊNCIA E DROGADIÇÃO: A percepção dos adolescentes usuários do CRAS sobre o uso e abuso de substâncias lícitas e ilícitas

Bruno Renan de Araújo Almeida[1]
Joel Lima Junior[2]

RESUMO

Este estudo desenvolveu-se com a finalidade de investigar a respeito do consumo de drogas na adolescência, dado o crescente aumento do uso nesse período da vida no século atual. Para tanto, objetivou-se compreender a percepção dos adolescentes, qual a representação que os mesmos têm sobre as drogas e compreender quais os fatores que influenciam no ingresso e na permanência desses jovens no âmbito das drogas. A pesquisa foi realizada com onze adolescentes com idades entre 13 e 18 anos, sendo nove homens e duas mulheres, todos os entrevistados frequentam o grupo de adolescentes do serviço de convivência do CRAS. Foi utilizado na realização da pesquisa, roteiro de entrevista semiestruturado que conteve questões relevantes para a pesquisa. Os resultados identificados nesse estudo demostram que os adolescentes consideram as drogas como algo negativo. Contudo, observou-se que tal visão sobre as drogas não representa um impeditivo de seu consumo por parte desses adolescentes. Portanto, é possível constatar a ocorrência de outros estímulos simultâneos a esta representação negativa sobre as drogas, e que exercem importante influência para a consolidação do uso de drogas pelos adolescentes, a destacar a influência de amigos, o desejo e a curiosidade por provar algo novo, conflitos familiares e até mesmo a referência de familiares que consumem drogas.
Palavras-chave: Adolescência. Drogadição. Desenvolvimento. CRAS.

ABSTRACT

This study was full-blown for investigating drug use in adolescence, given the increasing use in this period of life in the present century. The purpose of this study was to understand the adolescents' perceptions, their representation about drugs and to understand the factors that influence the entry and stay of these young people in the field of drugs. The research carried out with eleven adolescents between the ages of 13 and 18 years old, with nine men and two women, all interviewed attending the group of adolescents from the CRAS coexistence service. Was used in conducting the research script of semi-structured interview that contained questions relevant to the study. The results identified in this study show that adolescents consider drugs negative. However, was observed that such a view on drugs does not represent an impediment to their consumption by these adolescents. Accordingly, it is possible to verify the occurrence of other simultaneous stimuli to this negative representation on drugs, and that exert important influence for the consolidation of the use of drugs by the adolescents, to highlight the influence of friends, the desire and the curiosity to prove something new, family conflicts and even referrals of family members who use drugs.
Keywords: Adolescence. Drug addiction. Development.CRAS.

[1]Bruno Renan de Araújo Almeida. Docente do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Email: brunorenanaraujo@gmail.com
[22]Joel Lima Junior. Docente do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Orientador do artigo. Email: joellima@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este estudo sobre adolescência e Drogadição desenvolveu-se com a finalidade de investigar a respeito do consumo de drogas na adolescência, uma vez que este é um fenômeno que tem aumentado nas três últimas décadas no Brasil. Para Galhardi e Matsukura (2018) a adolescência é um período do desenvolvimento onde os adolescentes se encontram mais suscetíveis às influências externas à família, pois, esta é uma fase em que o indivíduo busca maior autonomia nas suas tomadas de decisões, para realizar discussões e se colocar de maneira mais incisiva perante aos pares e familiares, o que pode ser uma justificativa ao que apontam as autoras sobre a adolescência ser, geralmente, o período em que se inicia o uso de drogas, mais especificamente entre 12 e 13 anos para drogas como álcool, cigarro, maconha e cocaína.

Diante de tantas transformações, ocorrem importantes acontecimentos que, diferente dos processos de desenvolvimento fisiológicos, não seguem um padrão de desenvolvimento comum a todos os adolescentes. O desenvolvimento psicossocial é menos previsível ou instável e por isso a possibilidade de consumo de drogas torna-se eminente (GALHARDI; MATSUKURA, 2018).

Diante dos levantamentos epidemiológicos que mostram a ascensão do consumo de drogas por adolescentes, o assunto torna-se um fator relevante a ser estudado de maneira mais aprofundada, uma vez que é de conhecimento público que este pode acarretar em consequências danosas tanto para o sujeito que faz uso dessas substancias, como para os familiares desses consumidores (MARQUES; CRUZ, 2000).

Portanto, objetiva-se com esse estudo compreender a percepção dos adolescentes usuários do CRAS do bairro Frei Damião acerca do uso/abuso de substâncias lícitas e ilícitas; analisar a compreensão dos adolescentes sobre o que são as drogas; averiguar os principais fatores considerados positivos e negativos no consumo de drogas pelos jovens e compreender quais os fatores que influenciam no ingresso e na permanência desses jovens no âmbito das drogas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS DROGAS NO MUNDO

A temática das drogas se apresenta com extrema relevância para o cenário das políticas públicas, para a saúde pública e em especial para a população de modo geral. Diversos estudos vêm abordando o assunto das drogas e o que se pode constatar a partir de estudos de autores como Santana (1999), Gehring (2012), Max e Danziato (2015) Nascimento (2006), entre outros, é que se trata de uma problemática bastante abrangente e complexa, portanto, não é passível de resolução a curto ou médio prazo.

Machado e Boarini (2013) ao estabelecerem um breve levantamento histórico a respeito do uso e abuso de drogas, sejam essas lícitas ou ilícitas, apontam que não se trata de uma questão inerente à contemporaneidade, longe disso, o consumo de drogas está presente na vida do homem há milhares de anos. Assim, como as contingências que fazem com que o homem consuma drogas nos dias atuais também estiveram presentes ao longo desse processo histórico, como por exemplo, o uso de drogas como meio de promover a socialização, por questões de crenças culturais e/ou religiosas e até mesmo como fins curativos, dada a capacidade que muitas drogas tinham e têm de "curar" o sofrimento das pessoas. Diante disso é possível constatar a partir do que a história indica, que as drogas sempre fizeram parte do convívio em sociedade.

Gehring (2012) também enfatiza o fato de o consumo de drogas perdura há muitos anos, porém, medidas de contenção ao uso de algumas substâncias são relativamente recentes em relação ao tempo de existência das drogas, os Estados Unidos, por exemplo, apesar de começarem a se preocupar com a questão das drogas desde meados do século XIX, somente a partir do século seguinte pôde-se observar medidas efetivas a esse respeito, através de diversas reuniões entre países que buscavam unir forças para combater as drogas.

A primeira importante medida objetivando o combate às drogas aconteceu em uma reunião entre grandes nações intercontinentais realizada em Xangai na data de 1909, mas não obtiveram resultados efetivos, pois, alguns países da Europa (como Alemanha e Inglaterra) e da Ásia, que estavam envolvidos no acordo não tinham interesse em erradicar o consumo das drogas em seus territórios, uma vez que esse era um mercado lucrativo para suas indústrias farmacêuticas. Somente anos depois, em 1911, obtiveram os primeiros resultados, em uma conferência que marcou o começo das primeiras tentativas de controlar o consumo das drogas, tal conferência resultara um mês depois em um documento que obrigava os países signatários a combater o uso de substâncias como Opiáceos e cocaína em suas comarcas (o uso dessas drogas era permitido apenas sob recomendações médicas). Esse acordo passou a ser conhecido como "acordo de Haia" pelo fato da cidade ter sediado a conferência que resultou no acordo (GEHRING, 2012).

Ainda segundo Gehring (op. cit) os Estados Unidos (um dos países participantes do acordo de Haia) não só executaram de maneira efetiva o acordo internacional como também criou no ano de 1919 uma lei federal que coibiu a comercialização do álcool em todo o território norte americano, a partir da vigência dessa lei passou a ser proibido qualquer tipo de fabricação, transporte, exportação e importação em todo o território nacional. Como efeito à proibição do consumo de bebidas alcoólicas, emergiu o mercado ilegal, que não só trouxe as bebidas como também elevou o tráfico de outras drogas como a maconha e a cocaína.

A preocupação mundial em estabelecer políticas de combate ao consumo de drogas se reflete na amplitude dos índices de consumo em diversos países. Santana (1999) realça que a questão das drogas se apresenta como uma ampla atividade econômica que está em constante crescimento, destacando-se como um dos meios mais rentáveis do comércio internacional. Ainda segundo o autor, em meados dos anos 80 o narcotráfico se configurava como o comércio mais rentável da América do Sul.

Em consequência da elevação gradativa desses índices de consumo de drogas ilícitas ao longo dos anos por todo o mundo, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou entre os anos de 1987 e 1988 na cidade de Viena na Áustria, novas conferências a fim de traçar estratégias e acordos para combater o uso de drogas ilícitas, assim como também fortalecer a fiscalização e controle, repressão e prevenção (GEHRING, 2012).

De acordo com Santana (1999), os países Sul Americanos são os mais comprometidos pelo narcotráfico em termos econômico, político e social, tal fenômeno não apresenta possibilidades de resolução sequer a médio prazo, uma vez que o narcotráfico tem fortes relações econômicas entre esses países e com outros países fora do continente, com destaque para os Estados Unidos, no entanto, as relações não se limitam às américas, pois, o narcotráfico sul americano alcança países da Europa e até da Ásia.

Para Nascimento (2006) o uso e abuso de drogas no Brasil em um sentido amplo, se configura como um problema social, uma vez que desempenha um papel impactante para a economia, no entanto, esse contexto apresenta uma esfera bem mais diversificada e envolve fatores como afetividade, fatores relacionados à saúde física e psicológica e a capacidade do sujeito de produzir e interagir em seu meio, diante disso, os prejuízos ocorridos em qualquer um desses fatores geram consequências negativas na economia e mesmo com todas as tentativas do Estado de reduzir os impactos das drogas não apresenta resultados positivos.

Nascimento (op. cit) ressalta que é por meio das políticas públicas que o país busca implementar suas ações de combate ao consumo e ao tráfico de drogas, no entanto, essas políticas parecem não surtir efeito sobre aquilo que se propõe, estas se apresentam de forma

redundante e ineficiente. O autor identifica duas filosofias nas quais as políticas públicas estatais referenciam suas ações, uma delas busca enquadrar o usuário como transgressor da lei e, portanto, um criminoso, a segunda considera o indivíduo que faz uso de droga como uma pessoa adoecida, portanto, trata-se de uma filosofia patologizante. Os resultados consequentes em ambas às filosofias se configuram unicamente como um meio de punição que em termos gerais falha em sua proposta de combater o uso de drogas.

2.2 ADOLESCÊNCIA E SUAS IMPLICAÇOES NO DESENVOLVIMENTO BIO-PSICO-SOCIAL

Papalia e Feldman (2013) descrevem o período da adolescência como uma transição entre infância e vida adulta. Para a maioria dos povos e culturas essa transição não se dá por meio de uma única definição ou acontecimento, mas sim através de uma extensa fase da vida de qualquer indivíduo, na qual se denomina adolescência. No entanto, são comuns em alguns povos tradicionais como, por exemplo, as tribos indígenas dos Apaches que habitam no sudoeste dos Estados Unidos, a utilização de alguns rituais que simbolizam essa passagem para a vida adulta, especialmente com as mulheres que festejam durante quatro a cinco dias com ritos e cantos, a chegada da primeira menarca como símbolo de maturidade.

De forma geral, é mais comum uma visão a respeito da adolescência que prioriza o reconhecimento de um processo de desenvolvimento que engloba aspectos biopsicossociais do desenvolvimento. Pois, trata-se de um período que traz importantes mudanças na vida de qualquer pessoa, tanto no que diz respeito aos aspectos físicos como também cognitivos e psicossociais.

“Braços e pernas saltavam em todas as direções. Espinhas saiam não se sabe de onde. O suor das axilas escorria pelas camisetas e vestidos como se fossem as Cataratas do Iguaçu. Pelos brotavam como cupim em lugares secretos.” (ARMSTRONG, 2011, p. 144). Essa definição do autor sobre o início da puberdade caracteriza de maneira bastante prática a forma abrupta que a puberdade se apresenta para a vida dos novos adolescentes.

No que corresponde aos aspectos do desenvolvimento físico na adolescência, pode se destacar, sobretudo uma fase que caracteriza o fim da infância, acometida principalmente pelo início da puberdade. Papalia e Feldman (2013) destacam que nessa fase também conhecida como estirão do crescimento o indivíduo se encontra em constante desenvolvimento no que diz respeito a um crescimento acelerado da altura, peso, ossatura e musculatura, que acomete ambos os sexos, porém, essa é uma fase que chega mais cedo para as meninas (entre os 9 anos

e meio e 14 anos e meio) do que para os meninos (entre os 10 anos e meio até os 16 anos e meio).

O crescimento físico acelerado dos adolescentes faz com que haja uma desproporção entre diversos membros do corpo, nos meninos há um alargamento dos ombros e as pernas aumentam mais em relação ao tronco, enquanto nas meninas há um aumento no tamanho dos seios assim como alargamento da pelve. Essas modificações físicas acometem consequências psicológicas que nem sempre são positivas para o desenvolvimento, visto que os adolescentes dificilmente compreendem esse processo como algo normal do crescimento, pois, estão mais preocupados com sua aparência física o que muitas vezes gera descontentamento com essas mudanças drásticas e repentinas (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Assim, como os aspectos relacionados a mudanças no desenvolvimento físico, à adolescência é também um período em que ocorrem mudanças significativas relacionadas ao desenvolvimento cognitivo e psicossocial do adolescente. A adolescência se mostra como um período do desenvolvimento humano onde as funções cognitivas podem chegar a performance mais elevada em termos de potencial para a realização de ações mentais formais, o que significa dizer que o adolescente adquire um estágio final de seu comportamento intelectual que o possibilita realizar discussões acerca de valores familiares e tem condições de formular seus próprios valores (OLIVEIRA, 2006).

A flexibilidade de tomada de decisões, realizar discussões e se colocar de maneira crítica perante aos pares e familiares, enfatizada por Oliveira (2006) é um importante fator proveniente desse estágio de maturação adquirido especialmente na adolescência. Entretanto, a fase da adolescência reserva importantes acontecimentos, que, diferente dos processos de desenvolvimentos fisiológicos, não seguem um padrão de desenvolvimento comum a todos os adolescentes, é nesse sentido que Armstrong (2011) enfatiza o importante papel da cultura no desenvolvimento do adolescente, afirmando que o contexto cultural pode ser o fator fundamental que direcionará o adolescente rumo a um desenvolvimento mais ou menos assertivo.

Culturalmente, a definição de adolescência como um período inerente ao ciclo vital do homem nem sempre existiu, deste modo, considerava-se que as pessoas passavam de crianças a adultos desconsiderando o estágio intermediário entre essas duas fases. A inexistência dessa definição na qual conhecemos atualmente não elimina, contudo, a importância desse período no desenvolvimento humano, pois, os povos primitivos e os indígenas (destacados anteriormente) já davam considerável importância às manifestações físicas e psicológicas que caracterizam o que se conhece hoje como adolescência. Para os povos primitivos a chegada da

puberdade simbolizava uma grande mudança para o sujeito, pois, este se torna um homem ou uma mulher com responsabilidades e com deveres seja no sentido religioso, intelectual ou moral de uma comunidade ou cultura (FERREIA; NELAS, 2006).

Nos dias atuais os fatores que envolvem a adolescência são cada vez mais amplos e complexos e abrangem questões de cunho educativo, situação econômica de cada família e/ou sociedade, bem como suas questões culturais e políticas, tendo influência direta na concepção atual de adolescência. De modo geral, esse período inicia-se cada vez mais cedo e termina cada vez mais tarde, caracterizando uma relação de dependência do adolescente em relação aos pais em comparação com épocas anteriores (FERREIA; NELAS, 2006).

2.3 ADOLESCENCIA E DROGADIÇÃO

2.3.1 Fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência

O uso e drogas por adolescentes é uma temática na qual vem tendo considerável atenção por parte dos estudiosos, principalmente nas ciências humanas e ciências sociais, devido, especialmente ao crescente aumento no uso de drogas por adolescentes e jovens na atualidade.

Marques e Cruz (2000), ao realizarem um breve recorte histórico sobre o uso de drogas na adolescência, realçam que décadas atrás não havia registros epidemiológicos que constassem dados relevantes em relação ao consumo de drogas nesse período da adolescência, entretanto em meados do final da década de 80 e início da década de 90 esses dados começaram a surgir, indicando sinais significativos do uso de substâncias ilícitas por adolescentes no Brasil, tais como maconha, crack e cocaína.

Para Galhardi e Matsukura (2018) o período da adolescência é considerado uma fase em que o indivíduo se encontra mais suscetível ao uso de drogas, justamente pelas observações atuais que indicam que é na adolescência que geralmente se inicia o uso de substâncias lícitas e também ilícitas, mais especificamente na faixa dos 12 (doze) anos para drogas como tabaco e bebidas alcoólicas e dos 13 (treze) anos para drogas como maconha e cocaína. Esse ingresso precoce no contexto das drogas pode estar relacionado ao funcionamento típico da adolescência. Período da vida que tem como característica uma maior motivação do indivíduo para explorar, experimenta, vivenciar com maior intensidade os estímulos que o mundo o oferece, trata-se de uma fase em que o adolescente está mais conectado ao seu grupo de iguais do que com os próprios pais, tendo esses grupos, importante influência na tomada de decisões do indivíduo.

Cientes dos riscos em que os jovens estão sujeitos nessa fase sensível da vida humana. Papalia e Feldman (2013) fazem algumas ponderações em relação ao consumo de substâncias psicoativas, as autoras alertam que algumas drogas podem tornar o adolescente um dependente químico, portanto, são eminentemente perigosas, uma vez que estas têm o poder de estimular áreas do cérebro que no período adolescente ainda passam por um processo de amadurecimento.

Com relação aos possíveis fatores que exercem influência no consumo de drogas por adolescentes, Marques e Cruz (2000) destacam que existem fatores considerados de risco que podem tornar os jovens mais suscetíveis ao consumo das drogas, com destaque para a facilidade que o adolescente pode ter para conseguir ter acesso a substancias como cigarro, bebidas alcoólicas maconha, cocaína, crack, etc. Os fatores relacionados à cultura, os amigos, a família, os fatores psicológicos dentre outras que fazem parte do ciclo de vida do sujeito, podendo todos esses fatores terem influência direta na propensão do adolescente ao uso de alguma substância.

Rodrigues (2010) também destaca a influencia de fatores psicológicos, familiares e socioculturais, além de acrescentar os fatores genéticos como possíveis influenciadores do consumo de drogas. Tais influências podem ser exercidas tanto de maneira positiva quanto negativa no tocante ao uso e abuso de drogas, dependendo da dinâmica de vida de cada sujeito.

Ainda com relação aos fatores de risco para o consumo de drogas no período de vida adolescente, Schenker e Minayo (2005) apontam que é necessária uma análise mais minuciosa ao se falar de fatores de risco na adolescência, pois, estes podem ser negligenciados em detrimento de outros fatores paralelos. A própria droga, por exemplo, apresenta vários riscos à saúde caso seu consumo seja efetivado, riscos orgânicos como danos pulmonares, além de riscos sociais como o conflito com a lei, onde esses adolescentes podem estar sujeitos, contudo, mesmo com esses riscos apresentados e com ênfase nas consequências negativas que o consumo de droga pode acarretar, existe uma diversidade de estímulos paralelos a estes, que muitas vezes são mais instigadores para o adolescente, mais até que os fatores de riscos negativos que as drogas oferecem, ou seja, não é pela sensação de ressaca no dia seguinte que se bebe, não é pelos danos que o cigarro causa nos pulmões que uma pessoa consome o cigarro, também não é pelos referentes riscos que a maconha, a cocaína e entre outras drogas trazem que elas são consumidas, mas sim pela sensação de prazer, relaxamento, bem-estar, extroversão, dentre outras sensações agradáveis que essas substâncias proporcionam aos jovens que as consomem.

2.3.2 Vulnerabilidade associada ao uso de drogas na adolescência

A questão da vulnerabilidade no contexto do desenvolvimento humano é tema recorrente em muitos trabalhos desenvolvidos por estudiosos da área, que buscam compreender quais consequências às condições de vulnerabilidade de fato podem acarretar no desenvolvimento biopsicossocial do ser humano.

Garcia *et al.* (2016) conceitua a vulnerabilidade como uma qualidade de vulnerável, na qual se configura a partir da inclusão de três atributos definidores desse estado, são eles: propensão (diz respeito aos estímulos que podem propiciar um aumento ou diminuição das potencialidades que uma pessoa ou comunidade tem de responder e se sobressair de situações de ameaças eminentes), grau de risco em que o sujeitou uma comunidade se encontra exposto perante algum agente ameaçador e por último resiliência, esta diz respeito a habilidade que o sujeito ou grupo de sujeitos uma vez expostos de fato a uma determinada ameaça têm de responder de forma assertiva e se restaurar diante dessa ameaça. Deste modo, os autores definem a vulnerabilidade como a inclinação que o sujeito e/ou seu grupo têm a lidar com diversos eventos aversivos e também a capacidade de reestruturação uma vez sujeito a tais impactos.

No tocante ao consumo de drogas, Garcia *et al.* (2016) salienta que sujeitos expostos a situação de vulnerabilidade no sentido de um grau de risco onde o agente ameaçador é a alta disponibilidade de drogas, a possibilidade de consumo se torna maior e, portanto, a possibilidade de dependência química também é maior com relação a outros lugares em que o grau de risco se torna menor devido a uma menor possibilidade de acesso às drogas.

Ainda a partir do que traz Garcia *et al.* (op. cit) é possível identificar que um contexto de vulnerabilidade onde o uso e abuso de drogas se dá de forma mais intensa gera como consequência a eminencia de um maior número de transtornos psiquiátricos. Segundo o autor, a incidência de transtornos depressivos em pessoas alcoólatras pode ser até 3,3 vezes maior em comparação com pessoas não dependentes dessas substâncias e pode aumentar até 6,6 vezes mais para dependentes de outras drogas ilícitas. Os aspectos temperamentais e de personalidade também são indicadores de vulnerabilidade que podem levar o sujeito ao uso e abuso de álcool e outras drogas.

3 METODOLOGIA

3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

O trabalho foi realizado no Centro de Referência de Assistência Social-CRAS do bairro Frei Damião, situado na Cidade de Juazeiro do Norte no estado do Ceará. O órgão é responsável por coordenar as ações dos serviços assistenciais do bairro. Tal equipamento é caracterizado por ser a porta de entrada dos serviços de assistência básica, sendo encarregado de acolher as famílias que estejam em condições de vulnerabilidade e que necessitem de auxilio social, oferecendo à comunidade os serviços de fortalecimento de vínculos familiares e sociais, serviços de convivência e de orientação em relação aos programas governamentais como bolsa família, aposentadoria, etc.

3.2 SUJEITOS

A pesquisa foi realizada com 11 (onze) adolescentes com idades entre 13 (treze) e 18 (dezoito) anos, sendo 9 (nove) homens e 2 (duas) mulheres, todos os entrevistados frequentam o grupo de adolescentes do serviço de convivência do CRAS. Foi verificado que todos os adolescentes entrevistados frequentam a escola, o nível de escolaridade dos adolescentes varia entre o 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Com relação à renda familiar dos adolescentes foi constatado que a renda mensal das famílias varia entre menos de um salário mínimo a dois salários mínimos. No tocante ao consumo de drogas, verificou-se que 08 (oito) entre os 11(onze) entrevistados já fizeram uso de algum tipo de droga, sendo que 07 (sete) entre os 11 (onze) já consumiram algum tipo de droga ilícita e apenas 03 (três) deles afirmaram nunca terem usado qualquer tipo de droga.

3.3 PROCEDIMENTOS

3.3.1 Coleta de Dados

Foi realizada uma pesquisa descritiva cuja realização se deu através de uma abordagem direta com a população entrevistada. A entrevista foi feita individualmente com cada usuário do CRAS que concordou em participar da pesquisa voluntariamente, para isso foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento a fim de garantir a segurança e o sigilo das informações fornecidas. Ressalta-se que o presente estudo

foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (parecer nº 2.988.764). Foi utilizado na realização da pesquisa roteiro de entrevista semiestruturado que conteve questões relevantes para a pesquisa, que são elas: A percepção do entrevistado a respeito do que são drogas, os fatores que influenciaram o ingresso desses adolescentes no âmbito das drogas (primeira vez em que usou, em que idade usou, motivações e influência de terceiros) e fatores que estão relacionas à permanência desses jovens no âmbito do uso das drogas. Foi utilizado um caderno de anotações e gravador de voz para fins de registro e melhor análise dos dados coletados.

3.3.2 Análise dos Dados

Após cada participante concordar com as informações contidas no TCLE e Termo de Assentimento, a análise dos dados se deu a partir dos relatos verbais de cada um. Para a realização dessa análise as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas da maneira mais fidedigna possível para que as informações obtidas fossem apuradas com o máximo de precisão e confiabilidade, favorecendo e enriquecendo a qualidade da pesquisa.

Os dados foram analisados a partir da proposta de análise de conteúdo desenvolvida por Demartini (1998) que orienta a transcrição dos relatos dos sujeitos entrevistados (anteriormente gravados com a permissão dos mesmos) na integra para posteriormente desenvolver as análises e discursão com o material transcrito. O objetivo principal de se fazer essa transcrição na íntegra é de reproduzir o discurso da maneira mais genuína possível, mesmo que seja extremamente complexo retratar os relatos de um sujeito levando em consideração todas as emoções, pausas, os destaques dos entrevistados e expressões, por esse motivo a autora destaca que o texto transcrito não vai conseguir abarcar de forma completa o que se foi exposto pelo entrevistado, porém esses procedimentos contribuem para uma melhor fidedignidade dos dados.

Demartini (op. cit) ressalta que, posteriormente ao processo de transcrição dos dados onde de fato se executa o processo de análise dos dados e discussão, é de grande importância que se faça releituras minuciosas de todo o material, pois, este é um importante processo para que se possa haver um norteamento a compreensão os dados. Dito isso, é cabível destacar que todo esse processo deve-se ter em foco primário os objetivos do estudo, que é compreender a percepção dos adolescentes usuários do CRAS sobre o uso de drogas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito aos resultados e análise do conteúdo explícito na pesquisa, faz-se necessário uma diferenciação a partir das categorias apresentadas a seguir:

4.1 AS IMAGENS ACERCA DO USO DE SUBSTÂNCIAS LÍCITAS E ILÍCITAS

Nessa primeira categoria os entrevistados expuseram suas opiniões acerca de suas visões a respeitos das drogas resultando nos seguintes discursos:

> Eu já vi muita gente falar que é ruim (E01- F- 14 a.)
>
> A gente sabe assim [pausa] mais ou menos os riscos né, que tem, é [pausa] prejudica a saúde né, é mais ou menos isso, vai prejudicar a saúde, principalmente as drogas ilícitas (E02- M- 16 a.)
>
> Drogas é uma coisa que acaba com o ser humano (E03- M- 16 a.)
>
> Droga, também assim, tem essa tal de maconha e pó né, e também é capaz de perder até a vida (E04- M- 16 a.)
>
> Digamos que, algumas servem pra, no caso as lícitas que servem muito no tratamento e ilícitas como de certa forma proibidas, digamos que o uso não é medicinal nem algo do tipo (E06- M- 18 a.)
>
> Mata né [pausa] deixa a gente mal, vicia [pausa] é o que eu sei, é ruim (E11- M- 13a.)

A partir dos relatos dos entrevistados é possível constatar que de forma geral, os adolescentes têm uma imagem negativa a respeito das drogas, uma vez que seus discursos enfatizam principalmente aspectos negativos como, por exemplo, os danos físicos que as drogas podem causar à saúde, com exceção do E06 que destacou que algumas drogas lícitas têm um caráter medicinal em seu uso.

Em um dos estudos mais recentes sobre o uso de drogas realizado com adolescentes com histórico de uso de drogas que frequentam o CAPS ad há no mínimo seis meses, Gilhardi e Matsukura (2018) apontam para resultados corroborantes em comparação com esta pesquisa. No discurso dos adolescentes entrevistados pelas autoras o uso de drogas geralmente está associado a aspectos negativos, seja em relação a danos físicos ou psicológicos e sociais, contudo, mesmo enfatizando os danos causados pelas drogas, os adolescentes admitem a existência de pontos positivos ligados ao consumo dessas substâncias,

[3] Visando manter o anonimato dos sujeitos, optou-se por atribuir um número de acordo com a ordem da entrevista, seguido do sexo e a idade.

como o prazer, sensação de bem-estar e diversão.

A ênfase dada pelos entrevistados nos pontos negativos evidencia certo conhecimento a esse respeito, adquirido a partir da convivência desses jovens em ambientes onde o consumo das mais diversas substâncias acontece com grande frequência, conhecimento que de certa forma é condizente com o que Marques e Cruz (2000) apontavam, onde o consumo de drogas pode acarretar em consequências de fato danosas podendo provocar alterações mais duradouras e até irreversíveis a saúde em caso de consumo excessivo. Segundo os autores quando se trata do uso de qualquer substancia psicoativa por adolescentes (em especial o álcool, por ser mais comum nessa fase) existem ainda riscos adicionais com relação à violência e acidentes, uma vez que essas substâncias fragilizam a capacidade dos mesmos de mensurar os riscos aos quais se sujeitam.

Em consonância com os estudos de Marques e Cruz, Almeida (2011) também alerta para os riscos de efeitos negativos das substancias psicoativas, destacando que estas podem provocar sérios danos para o usuário que faz uso excessivo e indiscriminado, não somente nos aspectos orgânico, mas também psicológicos e sociais.

4.2 EFEITOS DAS SUBSTÂNCIAS NO ORGANISMO

Em relação aos efeitos das substâncias no organismo, foi solicitado aos entrevistados que expusessem de forma livre suas opiniões sem que houvesse nenhuma explicação prévia sobre o assunto, afim de que os relatos acontecessem de maneira mais genuína possível. Destacando-se as seguintes sequências discursivas:

> É [pausa] muitas doenças, elas transmitem, a droga faz com que nosso cérebro fique mais lento de uma certa forma e as vezes ficam viciados (E01- F- 14 a.)

> O álcool que é mais comum: cirrose, envelhecimento, envelhecimento precoce no caso, cigarro é perda de pulmões que no caso vai atingir o sistema cardiovascular (E02- M- 16 a.)

> Deixa a pessoa fora do juízo, fica agoniada, querendo mais, fazendo as pessoas comprarem mais (E04- M- 16 a.)

> O vício, a dor, o sofrimento, o psicológico vai embora, não consegue mais pensar em nada, essas coisas todas. Eu não sei muitas coisas (E08- M- 16 a.)

> Depende de qual, assim [pausa] drogas para mim se você usar vai ficar com a

> visão meio embaraçada, você não ver um carro de longe, prejudica sua visão e o seu modo de andar, você vai começar a andar tipo quebrando a coluna, como se tivesse com os ossos quebrados, não vai andar com postura (E10-M- 17 a.)

Novamente, a partir dos relatos dos entrevistados, é possível identificar o conhecimento desses acerca do assunto em questão, tendo em vista que suas falas ilustram de fato uma realidade no que diz respeito aos possíveis efeitos que grande parte das drogas pode causar. Para os adolescentes as drogas são causadoras de diversos problemas como, por exemplo, o envelhecimento precoce citado pelo E02 e problemas de visão e coordenação motora citada pelo E10. Observa-se que os entrevistados compreendem os efeitos das drogas para além dos aspectos físicos, o que reforça a concepção de que os jovens têm dos potenciais efeitos das drogas.

Segundo o que consta em diversos estudos sobre o assunto. Schneider *et al.* (2016), Almeida (2011), Guilhardi e Matsukura (2018) a título de exemplo, são alguns dos pesquisadores dessa área que apontam que consumo de drogas representa um problema de saúde pública.

Nesse período da adolescência o uso de drogas representa sérios riscos e prejuízos para um desenvolvimento saudável de diversas formas inclusive no surgimento de transtornos psicológicos em se tratando do uso abusivo e indiscriminado.

Guilhardi e Matsukura (2018) ao falarem dos efeitos gerados pelo consumo da maconha, também destacam os riscos de transtornos psicológicos oriundos do consumo excessivo dessas drogas, tais como déficits de atenção e memória, problemas cognitivos, depressão e ansiedade. Contudo as autoras destacam que debates a respeito desses possíveis problemas acontecem com frequência havendo algumas discordâncias sobre a severidade e os riscos que a droga pode causar.

4.3 AS DROGAS NO COTIDIANO DOS ADOLESCENTES

Nesta etapa da análise, foi dado ênfase em como a droga se configura no cotidiano dos adolescentes, buscando com isso compreender desde os primeiros contatos desses com as drogas, no intuito de averiguar onde os entrevistados ouviram falar pela primeira vez, pessoas próximas que usam e até uma possível efetivação do uso.

4.3.1 O primeiro contato dos adolescentes com as drogas

Nesta fase da análise abordaram-se os relatos dos jovens a respeito dos seus primeiros contados em relação ao âmbito das drogas, onde ouviu falar pela primeira vez, referências de pessoas próximas que fazem uso, etc.

> Eu ouvi falar sobre drogas na escola, olha [pausa] o lugar onde era para ser preservado é onde a gente mais ver falar (E02- M- 16 a.)

> A primeira vez eu vi na televisão, faz um tempinho já (E03- M- 17 a.)

> Meu pai usa e meu irmão está também entrando nessa vida aí, mas minha mãe disse que se pegar ele fazendo isso, ele tem 14 anos. O meu pai eu morava com ele há oito anos e ele usava, fumava maconha, bebia e fumava cigarro normal, meu irmão maconha (E05- M- 13 a.)

> Na casa de um amigo meu o pai dele usa isso demais, até eu fico preocupado com ele (meu amigo) porque o pai dele usa muito, vende, um bocado de coisa, aí tenho medo porque de vez em quando eu vou pra lá, de ser preso, a polícia passa por lá aí o pai dele sempre dizia: não faz BO não [Expressão comumente utilizada no Brasil pelos jovens para dizer que vai ocorrer um problema ou uma confusão], fica de boa, não faz nada, fica aí pra eles não encherem o saco, mas até agora eu não fui mais pra lá não porque eu tenho medo de ser preso (E08- M- 16 a.)

> Na rua da minha casa, desde quando eu era pequena tinha uma boca de fumo na minha rua, só que mataram umas pessoas, todo mundo sabia por que lá vendia (E11- F- 14 a.)

As falas dos entrevistados evidenciam uma imersão desses jovens no contexto das drogas, com frequência pode-se observar que o contato desses com as drogas emerge pelas mais variadas vias. Pela escola, pela mídia, nas ruas e até mesmo em casa. Elas chegam não necessariamente no caráter informacional, educacional ou preventivo. As drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas surgem na vida dos adolescentes a partir das referências existentes em seu cotidiano, na maioria dos relatos percebe-se que, ao citá-las os jovens as relacionam a alguém que usa, seja um amigo, ou até mesmo um familiar, por exemplo, nos relatos do entrevistado E05, onde o mesmo relata que seu pai usa diversas drogas e que seu irmão também começou a usar. O entrevistado E08 e a entrevistada E11 revelam que frequentava a casa de têm amigos onde em suas casas funcionam pontos de tráfico de drogas.

Diante do exposto nas entrevistas e o que apontam as literaturas, nota-se que as drogas, de fato fazem parte do dia a dia de muitos adolescentes no Brasil, especialmente nas

periferias e bairros pobres onde segundo Passos e Sousa (2011) tornaram-se lugares de referência para o comércio ilegal de drogas. A visão dos autores acima se torna complementar àquela apresentada por Zappe e Dapper (2017) que destacam a importância que o ambiente pode desempenhar, sendo crucial como um fator de risco ou de proteção para o uso e abuso de drogas, portanto, ambientes como bairros pobres, favelas, lugares onde existe um maior índice de vulnerabilidade gera como consequência uma maior circulação de drogas e com isso a propensão de consumo por adolescentes inseridos nesse ambiente também pode aumentar.

4.3.2 A efetivação do uso drogas e as justificativas para o uso

A concretização de fato do uso da droga está envolvida em uma série de fatores que são determinantes para esse primeiro ato de uso e eventualmente para os próximos, a destacar os fatores anteriormente citados, que ilustram como um ambiente onde há circulação frequente de drogas, o contato com amigos e até familiares, são fatores de grande relevância para explicar o uso de drogas. Diante disso, as próximas sequências discursivas comtemplarão os relatos anteriores, enfatizando as justificativas desses adolescentes para a consolidação do uso.

> Já me ofereceram álcool e tal, eu não bebo, sempre que me oferecem eu fico na minha. Porque como eu falei lá no início, eu tive esse conhecimento que a droga envelhece precocemente (E02- M- 16 a.)

> Já me ofereceram só maconha e eu já fumei, mas não gostei, mas negócio de pó já me ofereceram e eu não quis também, agora beber eu já bebi [...] (E04- M- 16 a.)

> Os meninos: ei bora fumar? E eu: não, vou não. Bora fumar? Na terceira vez, do jeito que eu sou curioso eu quis [pausa] fui. Foi nesse ano ainda, acho que foi em setembro, mês passado [pausa] acho que o diabo fica influindo, a cabeça deles fica cheia de maldade. Só isso (E05- M- 13 a.)

> Já usei. Como eu disse: de drogas ilícitas só a maconha mesmo [...] digamos que fugir. Fuga do dia-a-dia né em alguns casos tem gente que usa já por dependência, alguns por querer experimentar, por experiência no caso (E06- M- 18 a.)

> Os amigos te chamam para provar, você diz que não aí eles chamam de novo e você acaba caindo na tentação, foi assim que eu usei a primeira vez na escola, usei muitas drogas, maconha, pó, crack [pausa] por vários, motivos, problemas, influência dos amigos, para querer algo novo, aí quando ver já era (E 07- M- 16 a.)

> Meu colega. Foi ele que me influenciou, mas o povo diz que o cara se vicia,

> mas isso não é um vício não, o cara pode largar, dependendo da sua mente, se você quiser ou não você usa, usa e fica doidão, mas se você quiser parar você para [pausa] eu não sei o tipo de droga porque o meu colega já trazia embaladinho na seda, só no jeito de acender e botar para dentro (E10- M- 17 a.)

> Maconha, já usei, eu tinha 11 anos, foi nós três meninas, aí eu não sabia usar, só botei o cigarro na boca, mas não sabia usar (E11- F- 14 a.)

O fácil acesso a drogas específicas tornam o seu uso mais comum entre os jovens, a citar o cigarro, o álcool e a maconha. Para o álcool, 08 (oito) entre os 11 (onze) entrevistados afirmaram já terem feito o consumo, e 07 (sete) entre os 11 (onze) afirmaram terem feito o uso de álcool, cigarro e maconha, entre todos os participantes da pesquisa apenas o entrevistado 07 (sete) afirmou usar outras drogas além das citadas, foram elas o pó (cocaína) e o crack.

Os resultados que emergem nesse estudado conduzem para um alinhamento com o que trazem autores importantes, como Papalia e Feldman (2013) que apontam nos Estados Unidos o consumo de álcool e cigarro na adolescência está ocorrendo em proporção aproximada ao uso de outras drogas nas quais as autoras definem como “mais pesadas”, com destaque para a maconha, droga que apesar de atualmente ser legalizada em alguns estados como Colorado, Washington, Oregon, Alasca, Nevada, Massachusetts e Maine, ainda é considerada ilícita pelo governo americano e é a mais consumida nos Estados Unidos depois do álcool e cigarro.

No Brasil, ao que indica Miozzo *et al.* (2013) os resultados mostram um alinhamento com o estudo norte americano, em pesquisa realizada com 555 (quinhentos e cinquenta e cinco) estudantes de escolas públicas, os autores constataram que 99,1% dos entrevistados afirmaram ter usado algum tipo de droga durante a vida, as drogas mais consumidas também foram o álcool, o cigarro e a maconha respectivamente.

Em se tratando dos fatores que influenciam no consumo de drogas, nota-se a partir dos discursos dos entrevistados que o acesso às drogas se dá primordialmente através de terceiros, mais especificamente através de amigos, que em geral instigam os colegas a experimentarem. Esse fato torna-se evidente em todos os discursos apresentados, até mesmo os adolescentes que alegam não terem feito o uso de nenhuma substância afirmam que alguns amigos já lhes ofereceram drogas em algum momento da vida, como no caso do E02 onde o mesmo afirma não consumir nenhuma substância, porém, vê-se diante de situações como em festas, onde as drogas são oferecidas. Nos relatos em que os jovens confirmam o uso de drogas, a influência dos pares é ainda mais eminente, como o exemplo do E05 que afirma que para de fato consumar o uso, os amigos tiveram que insistir algumas vezes até que ele cedesse

à insistência dos colegas, o entrevistado E07 tem relatos parecidos, onde afirma que com a insistência dos colegas ela acabou cedendo à tentação.

Papalia e Feldman (op. cit) já apontavam em seus estudos sobre o desenvolvimento do adolescente que, de fato, a probabilidade de o adolescente consumir drogas é aumentada pela influência de amigos. Para Zappe e Dapper (2017) a fase da adolescência se configura como um período crítico onde o adolescente busca estabelecer suas relações de convívio social através de suas referências, portanto, dependendo de quais sejam as referências, essas podem significar fatores de risco ou de proteção para o consumo de drogas. Para Tisott *et al.* (2014) uma das justificativas para essa forte capacidade de influência dos pares em relação a drogadição pode estar relacionada com o próprio período natural do adolescer, nesse sentido compreende-se o consumo de drogas entre os grupos de iguais como uma expressão de linguagem como uma alternativa vista pelos jovens para socialização.

Para além da influência dos amigos, observa-se outros fatores de grande importância a respeito das justificativas para o uso, as mais citadas pelos adolescentes foram, a curiosidade de provar algo novo e uso como meio de fuga para fugir dos problemas do dia a dia e também problemas familiares. A respeito do consumo tais fins, observa-se que outros estudos também corroboram com os relatos dos entrevistados, Tisott *et al.* (2014) apontam que além da influência de pessoas próximas como familiares e amigos, o uso de drogas à curiosidade em provar algo novo e a busca por prazer.

Tisott *et al.* (op. cit) acrescentam outros fatores que favorecem o uso, como festas, problemas conjugais, depressão, violência doméstica e gravidez na adolescência. Em comparação com tais fatores citados pelos autores, não houve relatos que apontassem para os mesmos, salvo as influências de gravidez na adolescência e problemas conjugais que são descartados pelo fato de todos serem solteiros e não haver nenhum relato de gravidez, fica a observação de possíveis falhas na coleta de dados ou inexistência das influências de tais fatores.

Nota-se nas discussões dos adolescentes a inexistência de qualquer relação do uso de drogas com as mídias de forma geral, o que pode ser de certa forma compreensiva até certo ponto, havendo essa influência, ela acontece de forma bastante implícita e quase sempre imperceptível pela grande maioria das pessoas. Nesse sentido Rodrigues (2010) acusa que a mídia exerce uma função importante na veiculação de propagandas de bebidas alcoólicas de forma indiscriminada. Zappe e Dapper (2017) acrescenta que a mídia é uma importante ferramenta de informação que poderia ser usada em detrimento de estratégias de informação e educação sobre drogas, entretanto, fica tais veículos de comunicação adotam um

posicionamento preocupante, deixando a desejar em relação à educação e orientação sobre drogas.

4.4.3 Drogadição e Família

As sequências discursivas a seguir ilustram a percepção dos adolescentes a respeito do papel da família, buscando saber como a família pode auxiliar o adolescente em relação às drogas:

> Eu acho que ela pode combater é dando assim, aquele carinho, não é exatamente dar o conforto porque aí iria está incentivando ele a continuar. Então tinha que ser apenas um carinho e uma forma de proteção onde ele ia ver que não precisava daquilo, ele ia precisar somente da família, a família ia precisar só dar estrutura para ele não ir para esse caminho (E02- M- 16 a.)

> Internar ele, internar ele para tirar esse vício dele para quando ele sair não fazer a mesma coisa (E03- M- 16 a.)

> Vê se tem alguma diferença na pessoa [pausa] primeiro também tem que dar exemplo porque se a família não der exemplo não tem moral de cobrar, eu acho que é isso [pausa] meu pai e meu irmão está também entrando nessa vida aí (E05- M- 13 a.)

> Primeiramente para mim, conversando, porque geralmente pais geralmente quando escutam que o filho está usando alguma coisa do tipo, às vezes não é nem viciado, usa assim normal, não é viciado, nem nada do tipo, usa só por experiência, só por querer, por gostar, de certa forma. Mas tem uns pais que ao saberem são carrascos demais no lugar de conversar já vão querer bater, brigar, expulsar de casa (E06- M- 18 a.)

> Depende da família, ela pode ajudar mostrando um caminho diferente, o que me ajudou mesmo foi a igreja, eu fumava, maconha, pó, crack aí um dia eu estava usando e passou um homem da igreja e começou a me ajudar e depois disso eu parei de vez (E07- M- 16 a.)

> O tratamento, a ajuda, até mesmo se for preciso internar, fazer um tratamento, acho que é isso (E08- M- 16 a.)

> Tem umas famílias que também fumam junto com as outras pessoas, assim tem uns pais que não gostam, mas não tem jeito, só se eles mesmos quiserem parar de fumas, mas aí eles ficam doidos (E11- F- 14 a.)

Em relação ao papel da família e sua função de auxílio ao adolescente em relação às drogas, as respostas tiveram algumas variações em variações em relação à tipologia das

respostas, que variaram basicamente em três concepções distintas a respeito do que consideram papel da família.

Na primeira concepção de alguns adolescentes, a família deve atuar em relação ao adolescente envolvido com drogas de forma a auxiliá-los em vez de puni-los, assim como descreve o E02, para ele a família deve ser um lugar de proteção e de carinho, para o E06 a família deve optar pelo diálogo em vez de punição. Na segunda, estão os adolescentes que compreendem que o papel da família é internar o membro da família que se encontra imerso às drogas, opinião ilustrada pelo E03 e E08. E na terceira estão aqueles que questionam se a família realmente pode fazer algo para auxiliar o jovem em relação ao uso, as respostas que apontaram que para a família poder dar apoio é necessário que ela (família) primeiro sirva de exemplo o que muitas vezes não acontece. Assim como destaca o E02 ao afirmar que seu pai e seu irmão consomem drogas, portanto não tem moral para fazer cobranças e o entrevistado, opinião semelhante tem a E11 que destaca que tem muitas famílias que consomem drogas, portanto, portanto o desejo de parar tem que partir do próprio usuário.

A família, ao que sinalizam diversos estudos, de fato exerce importante papel em se tratando de adolescência e drogadição, seja em caráter de prevenção ás drogas, seja em caráter de favorecer a inserção a elas, assim como também exerce papel importante no auxílio aos membros usuários de drogas, assim como destaca Schneider *et al* (2016) ao analisar que uma das principais influências para a busca usuários de drogas por serviços de tratamento é a família.

Miozzo *et al.* (2013) já destaca que a adolescência por si só já se configura como uma fase em que os indivíduos vivenciam com grande intensidade os seus relacionamentos próprios do convívio social, como contexto familiar e amigos, tal intensidade acaba por proporcionar o surgimento de conflitos familiares, como consequências esses conflitos propiciam maior vulnerabilidade em relação ao surgimento de fenômenos externos a citar o uso de drogas. Ainda segundo os autores em um estudo de campo com amostra de 555 (Quinhentos e cinquenta e cinco) adolescente, apenas um terço desse grupo afirmou que procuraria o auxílio dos pais para conversar sobre álcool e outras drogas em caso de qualquer dúvida ou necessidade de orientação a respeito do assunto.

Miozzo *et al.* (op. cit) acrescenta que apesar do distanciamento e falta de diálogo da temática das drogas entre os adolescentes e seus familiares, verifica-se mesmo estando em vigência na legislação brasileira a proibição de venda de bebidas alcoólicas para menores de idade, o consumo dessas ocorre, dentre outros contextos em ambiente familiar, dado que aponta para a fala do E05 onde o mesmo relata que seu pai e irmão mais velho fazem uso de

drogas. A permissividade ou até mesmo o estimulo ao consumo de álcool se dá especialmente por um construto cultural que minimiza os efeitos do álcool e o desconsidera como sendo uma droga.

Zappe e Dapper (2017) enfatizam que assim como uma pouco estruturada da família pode desencadear fatores de risco para o desenvolvimento do adolescente, uma boa estrutura familiar tende a propiciar melhores condições em se tratando de um desenvolvimento mais assertivo do adolescente tendo inclusive um aspecto preventivo em relação ao uso de drogas. Além disso, em casos de ocorrências de problemas com o consumo de drogas, a família também exerce uma capacidade de intervir positivamente na superação desses problemas.

As autoras acrescem que a família tem o potencial de ser a principal referência para um desenvolvimento mais assertivo de seus membros, diante disso o grande desafio para o sistema familiar em se tratando do adolescente é de ao mesmo tempo em que se deve oferecer proteção, deve-se também oferecer autonomia e liberdade. Portanto, o desafio para o sistema familiar é conseguir o envolvimento com questões no âmbito do desenvolvimento, e ter a capacidade de lidar com as demandas dos adolescentes de modo geral, sem que os pais deixem de exercer a autoridade e realizar as cobranças necessárias ao mesmo tempo em que deve ser flexivo e compreensivo em alguns momentos para facilitar o processo de liberdade e autonomia dos adolescentes (ZAPPE; DAPPER, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referente estudo teve como proposito compreender a percepção dos adolescentes acerca do uso e abuso drogas. Com essa finalidade, atribuiu-se como requisito indispensável dar voz aos próprios sujeitos da pesquisa, valorizando assim a experiência de vida desses adolescentes. Partindo do referido foco, os relatos dos entrevistados evidenciaram que esses se encontram em constante contato com as drogas nos diversos contextos em que convivem, seja na escola, nos grupos de amigos ou até mesmo na família.

Os resultados identificados nesse estudo demostram que os adolescentes compreendem, de forma geral, que as drogas representam um fenômeno negativo para a vida de qualquer pessoa que a consume, não somente em aspectos biológicos, mas também nos aspectos psicológicos e sociais. Contudo, mesmo havendo essa consideração negativa, observou-se que tal visão sobre as drogas não representa um impeditivo de seu consumo por parte desses adolescentes.

Portanto, é possível constatar a ocorrência de outros estímulos simultâneos a esta representação negativa sobre as drogas, estímulos que exercem importante influência para a consolidação do uso de drogas pelos adolescentes, a influência de amigos, o desejo e a curiosidade por provar algo novo, conflitos no âmbito familiar e até mesmo a referência de familiares próximos que usam algum tipo de droga, são fatores que podem ser determinantes para o uso, a ponto de os mesmos negligenciarem suas próprias acepções a respeito das dragas, Nesse sentido, depreende-se que é de fundamental importância que haja um fortalecimento da temática em questão nos diversos contextos onde se pode alcançar esse público, tais como escolas e no próprio CRAS, trabalhando não por meio de um viés de punição ou repreensivo, mas sim, socioeducativo, inclusivo e que reforce a participação ativa dos adolescentes.

Diante do exposto, o presente estudo visa agregar novos conhecimentos, contemplando outros estudos já realizados sobre a temática e proporcionando uma maior amplitude de diálogo para a comunidade acadêmica. Esse estudo visa também desempenhar relevância para a população em geral, uma vez que os resultados alcançados por este podem representar informações relevantes para futuras intervenções de profissionais como psicólogos e assistentes sociais que atuam nos diversos contextos, como clínicas, políticas públicas, entre outros campos de atuação. Além disso, julga-se importante dar continuidade a novos trabalhos através de uma futura especialização voltada à adolescência e drogadição a fim de ampliar cada vez mais os estudos nesse âmbito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nemésio Dario. Uso de álcool, tabaco e drogas por jovens e adultos da cidade de Recife. **Psicologia argumento**. v. 29, n. 66, p. 295-302, 2011. Disponível em:< https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20285/19559> Acessado em: 01 out. 2018.

ARMSTRONG, Thomas**. Odisseia do desenvolvimento humano**: Navegando pelos 12 estágios da vida. ed. 1. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais**. In: Olga Rodrigues de Moraes von Simson. (Org.). Experimentos com histórias de vida (Itália – Brasil). São Paulo: vértice, 1988, p. 44-105.

FERREIRA, Manuela; NELAS, Paula Batista. Adolescências... Adolescentes... **Educação ciência e tecnologia**. v. 6, n. 32, p.141-162, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.19/409> Acessado em: 01 ago. 2018.

GALHARDI, Carina Curti; MATSUKURA, Thelma Simões. O cotidiano de adolescentes em um Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas: realidades e desafios. **Caderno de saúde pública.** v. 34, n. 3, p. 01-12, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-311X2018000305002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acessado em: 05 Abr. 2018.

GARCIA, Frederico Duarte *et al.* **Vulnerabilidade e o uso de drogas**. Ed. 1. Belo Horizonte: 3i Editora, 2016.

GEHRING, Marcos Roberto. O Brasil no contexto dos acordos e políticas internacionais para o combate às drogas: das origens à atualidade. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília.** v.10, n. 11, p. 145-165, 2012. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/2655/2084> Acessado em: 11 mar. 2018.

MACHADO, Letícia Vier; BOARINI, Maria Lúcia. Políticas sobre drogas no Brasil: a estratégia de redução de danos. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 33, n. 3, p. 580-595, 2013. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n3/v33n3a06.pdf>. Acessado em: 07 out. 2018.

MARQUES, Ana Cecília Roselli Petta; CRUZ, Marcelo s. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria.** v.22, n.2, 2000. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt >. Acessado em: 25 fev. 2018.

MAX, Raul; DANZIATO, Leonardo**.** Drogas, biopolítica e subjetividade: interfaces entre psicanálise e genealogia. **Revista Subjetividade**, v.15, n.3, p. 417-427, 2015. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt >. Acessado em: 15 fev. 2018.

MIOZZO, Luciane; *et al.* Consumo de substâncias psicoativas em uma amostra de adolescentes e sua relação com o comportamento sexual. **Jornal brasileiro de psiquiatria.** v.62, n. 2, p. 93-100, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v62n2/v62n2a01.pdf > Acessado em: 11 mar. 2018.

NASCIMENTO, Ari Bassi. Uma visão crítica das políticas de descriminalização e de patologização do usuário de drogas. **Psicologia em Estudo.** v.11, n.1, p. 185-190, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a21.pdf> Acessado em: 11 mar. 2018.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em estudo**. v.11, n. 2, p. 427-436, 2006. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21> Acessado em: 01 abr. 2018.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Ed 12. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PASSOS, Eduardo Henrique; SOUZA, Tadeu Paula. Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de "guerra às drogas. **Psicologia & Sociedade**. v. 23, n. 1, p. 154-162, 2011. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822011000100017&script=sci_abstract&tlng=pt> Acessado em: 15 out. 2018.

RODRIGUES, Francine. **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas na adolescência**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em enfermagem) - Faculdade de medicina de Marília, Marília, 2010. Disponível em:< ses.sp.bvs.br/lildbi/docsonline/get.php?id=1532> Acessado em: 11 out. 2018.

SANTANA, Alberto. A globalização do narcotráfico. **Revista brasileira de política internacional.** v.42, n. 2, p. 99-116, 1999. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73291999000200006> Acessado em: 11 mar. 2018.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília De Souza. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde coletiva.** v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf> Acessado em: 21 out. 2018.

SCHNEIDER, J. A. *et al.* Adolescentes usuários de drogas e em conflito com a lei: revisão sistemática da literatura nacional. **Psicologia argumento**. v. 34, n. 85, p. 120-132, 2016. Disponível em:<https://www.uniad.org.br/images/stories/pdf/pa-16352.pdf> Acessado em: 01 nov. 2018.

TISOTTA, Zaira Letícia. *et al.* álcool e outras drogas e a implantação da política de redução de danos no brasil: revisão narrativa. **Rev. de atenção à saúde**. v. 13, n. 43, p. 79-89, 2016. Disponível em:<http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/2730> Acessado em: 05 nov. 2018.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DAPPER, Fabiana. Drogadição na Adolescência: Família como fator de risco ou proteção. **Revista de psicologia da imed**. v. 9, n. 1, p. 140-158, abr. 2017. Disponível em:<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/1616> Acessado em: 15 nov. 2018.